

Saberá a lua a Flicts?!

Uma leitura de *A que sabe a lua?*, de Michael Grejniec, e *Flicts*, de Ziraldo Pinto

Lídia Alfaia Rolim*

Resumo

O presente artigo tem como propósito analisar duas obras para crianças – *A que sabe a lua?*, de Michael Grejniec, e *Flicts*, de Ziraldo Alves Pinto – que abordam temas como a busca da identidade, a relação com o Outro e a aceitação das diferenças.

Palavras-chave: Literatura Infantil; identidade; diferenças.

Abstract

This article aims to analyze two books for children – *A Taste of the Moon*, by Michael Grejniec, and *Flicts*, by Ziraldo Alves Pinto – covering topics such as the search for identity, the relationship with the Other and the acceptance of differences.

Keywords: Children's Literature; identity; differences.

Introdução

Os livros aqui em análise atraíram-me pela sua história e pelas ilustrações. Como trabalho com crianças de diferentes faixas etárias, verifico que, cada vez mais, há a necessidade de trabalharmos valores comportamentais e morais e dar grande enfoque à mensagem de que todos precisamos uns dos outros e ninguém é melhor que ninguém. É de máxima importância que as crianças entendam isso, para que se tornem adultos com mais consciência cívica, com valores e respeito pelos outros, valores esses que tendem a diluir-se na sociedade materialista em que vivemos.

O primeiro dos livros aqui em análise, *A que sabe a lua?*, remete-nos para a temática da entreatjada e da solidariedade, uma vez que todos os animais se unem com o mesmo objetivo: alcançar a lua e perceber qual o seu sabor, enquanto *Flicts* conta a história de uma rara cor, que também tenta alcançar o seu objetivo: encontrar o seu lugar no mundo. A análise a

efetuar doravante demonstrará, contudo, que, apesar das diferenças entre os dois livros selecionados, aspetos há em comum, nomeadamente o elogio da diferença.

A que sabe a lua?

Escrito e ilustrado por Michael Grejniec em 1993, o livro *A que sabe a lua?* sublinha a importância do espírito de entreatjada, de união, partilha e solidariedade, veiculando valores de uma forma subtil e simultaneamente humorística. O título, apresentado sob a forma de uma pergunta, estimula a curiosidade e a capacidade imaginativa do leitor, desafiando-o a formular, por antecipação, hipóteses explicativas que poderão ou não ser confirmadas aquando da leitura propriamente dita.

A antecipação da leitura faz-se também pela observação dos elementos paratextuais presentes na capa e na contracapa do livro. Para além do título, as ilustrações incitam o leitor a descobrir sentidos possíveis para esta história e, por certo, despertarão o seu interesse pela leitura.

* Mestranda em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco na Escola Superior de Educação de Portalegre.

Na verdade, na capa vislumbramos uma grande lua cheia docemente sorrindo. Esta imagem ocupa quase toda a capa, sobressaindo cintilante de um fundo escuro (passando a pequena girafa que aparece no canto do livro um pouco despercebida). Por sua vez, na contracapa, surge uma lua em quarto minguante com um ar triste. A capa e contracapa mostram não só a diferença de estado de espírito da lua no início e no final da história como também o tempo decorrido. Na folha de rosto, observamos uma sobreposição das imagens da capa e contracapa: as duas luas, com sentimentos e cores diferentes (uma lua em quarto minguante, triste, de cores claras, sobrepondo-se a uma lua cheia sorridente em cores escuras).

A narrativa, em jeito de fábula, coloca em cena vários animais que têm a mesma curiosidade por satisfazer: descobrir a que sabe a lua. Mas a lua está tão longe que parece inalcançável: os animais bem *“esticavam e estendiam os pescoços, as pernas e os braços (...) mas era tudo em vão, e nem o maior dos animais era capaz de tocá-la”*.

É então que aparece a pequena tartaruga, destemida. Não se resignando a ficar só pelos sonhos, e determinada a concretizá-los, toma a iniciativa de começar a escalar *“a montanha mais alta para chegar à lua”*. Esta grandeza da montanha contrasta com a pequenez da tartaruga, parecendo esmagá-la, mas a tartaruga não desiste e, percebendo que não conseguia, sozinha, alcançar o seu objetivo (apesar do seu esforço individual), decidiu pedir ajuda.

Através da estrutura cumulativa e paralelística, assiste-se então à entrada em cena de diversos animais (os maiores, os mais fortes e/ou os mais astutos da floresta) – o elefante, a girafa, a zebra, o leão, a raposa, o macaco e o rato – que, um a um, e num verdadeiro trabalho de equipa, vão subindo para as costas uns dos outros e formando uma pirâmide com o intuito de alcançarem a lua, apoiando-se todos na forte carapaça da tartaruga.

Curioso é assinalar que a pirâmide, que tem na base a forte tartaruga, começa a formar-se com os animais mais fortes da selva, verificando-se que, à medida que se vão aproximando da lua, os animais são cada vez mais pequenos, mais ágeis e astutos. Da mesma forma, à medida que o número de personagens aumenta, aumenta também o ritmo da leitura,

e a curiosidade do leitor, pois nunca sabemos quem vai conseguir concretizar o objetivo comum.

Os animais mostram-se sempre motivados na sua escalada em direção à lua. Apesar de não terem certezas quanto ao sucesso da sua estratégia coletiva, incentivam os outros a juntarem-se ao grupo, porque só assim haverá maiores probabilidades de conseguirem atingir o seu objetivo, tal como é visível nas seguintes frases: *“Sobe para as minhas costas, assim talvez cheguemos à Lua”*; *“Se subires para as minhas costas, é provável que nos aproximemos dela.”*

Depois de sucessivas tentativas, falhadas, para alcançarem a lua, chamam por fim o rato, que é o último animal a subir a pirâmide e a tentar a sua sorte – um animal aparentemente insignificante e sem préstimo devido ao seu tamanho. Comparativamente aos outros animais, o rato é o mais pequeno de todos, mas também o mais ágil e o mais astuto. A lua, que até então tinha recuado a cada investida dos animais que a foram tentando alcançar, desta vez subestimou o ratinho e pensou: *“Um animal tão pequeno, certamente não poderá alcançar-me”*. Por isso mesmo, ficou impávida e serena, julgando, como se presume, que não valeria a pena o esforço de se mexer por tão pouco. Mas essa atitude de desconsideração por um ser pequeno em tamanho (mas grande em determinação e astúcia) acaba por ter um efeito contrário ao que ela supunha e o rato consegue, por fim, arrancar-lhe um pedaço, que irá posteriormente partilhar com todos os outros animais, revelando nesse gesto o seu altruísmo, naquele que é sentido como um forte apelo à capacidade reflexiva da criança leitora.

Relativamente à intervenção do ratinho, a mensagem parece apontar em duas direções: por um lado, apela ao espírito de união, de entreajuda e de partilha, fazendo valer a máxima que *“a união faz a força”*; por outro, mostra claramente à criança leitora que os mais pequenos têm as mesmas (ou mais) capacidades que os mais crescidos e que é preciso acreditar em si, na sua força, no seu valor, e seguir, com determinação e coragem, o seu caminho, em busca dos seus sonhos e dos seus objetivos de vida.

Percebe-se, no final, quando todos os animais saboreiam o pedaço da lua que lhes

coube, que afinal a lua tem um sabor especial: sabe exatamente àquilo de que cada um dos animais mais gosta, como é assinalado pelo narrador onisciente. Tal estratégia desafia o leitor a completar a narrativa, imaginando ele próprio a que saberá a lua. Para além disso, o facto de os animais nessa noite dormirem todos “muito juntos”, depois do esforço e do trabalho de equipa, dá à criança leitora a certeza que o trabalho de equipa compensa, porque todos se unem para atingir o mesmo fim, sendo o resultado sempre positivo, porque assim se reforçam os laços de amizade entre todos os membros do grupo.

A terminar a narrativa, surge, inesperadamente, uma nova personagem – o peixe –, que afirma: “*Esta é boa! Tanto esforço para chegar à lua, lá em cima no céu, tão longe... Acaso não vêem que aqui na água há outra tão perto?*”. A sua intervenção tem, a meu ver, duas leituras: por um lado, demonstra que nem sempre olhamos para aquilo que está perto de nós, mais preocupados que estamos em alcançar o que está distante; por outro, pode ser entendido como o discurso de quem, não vendo mais longe, não tendo outros horizontes, não é capaz de sonhar, de se juntar ao grupo, julgando-se mais inteligente que os outros – a quem critica a ousadia de quererem alcançar o que (apenas para si) é inalcançável.

Seja como for, o peixe é a voz dissonante nesta história, é o único que não se integra, que se autoexclui do grupo e que, por isso mesmo, não sentirá a alegria de alcançar um sonho e de o partilhar com os amigos, limitando-se a ver as coisas do avesso, na superfície espelhada de um lago, e não a verdadeira essência das coisas.

Flicts

Apesar de ser um livro escrito em 1969 (há mais de 40 anos), o livro veicula uma mensagem muito atual. *Flicts* conta a história de uma cor feia, rara e triste, que procura encaixar-se no mundo das cores, encontrar amigos, um lugar para viver, no fundo, o sentido da sua própria existência.

A história começa com o tradicional *incipit* “Era uma vez”, que possibilita ao leitor a entrada no mundo ficcional: “*Era uma vez uma cor muito rara e muito triste que se chamava Flicts*”. A apresentação da personagem enfatiza a sua condição de ser diferente e a infelicidade que essa constatação provoca em si, como se presume pelos não-ditos.

Na verdade, o texto evoca o sentimento de angústia e tristeza que a solidão provoca em qualquer ser humano, aqui simbolicamente personificado na cor Flicts – um ser diferente que se apresenta como único no seu trajeto doloroso, sofrido e solitário em busca de si e que vive a angústia de não se encontrar, de não encontrar um lugar para si neste mundo, de não se reconhecer em nada, de não ser aceite nem entendido por ninguém. O receio de abandono que esta cor experiencia é, precisamente, “traduzido pelo sentimento de não-pertença a um grupo, de rejeição, de exclusão causada pelas diferenças”, como refere Adriana de Castro (2008: 81).

Ao contrário de Flicts, uma cor estranha e diferente de todas as outras, cada cor tem um atributo, atributo esse que a Flicts é negado, pois, como se refere intratextualmente, ele “*não tinha a força do vermelho*”, “*não tinha a imensa luz do amarelo*”, “*nem a paz que o azul tem*”. Flicts “*era apenas frágil e feio e aflito*”. “*Não existe no mundo nada que seja Flicts (...)* *nem a sua solidão*”. Nem a sua própria solidão, que é triste, pode ser flicts.

Flicts não tinha lugar no mundo, nem na caixa de lápis de cor, nem no colorido da primavera, nem no arco-íris, nem nas cores das bandeiras. Flicts é rejeitado por todas as cores, tal como a própria ilustração insinua, pois aparece sempre à parte, longe das outras.

As outras cores ora se unem entre si (“*as sete cores deram as mãos e à roda voltaram e voltaram a girar, a girar girar girar...*”), excluindo Flicts do grupo, ora o enfrentam, com os seus discursos imperativos marcados invariavelmente pela negação, discriminando-o e ordenando-lhe que se afaste sempre que ele se aproxima e lhes pede para ficar, para ser uma delas, tal como é visível nas seguintes passagens da obra:

E o pobre Flicts procura alguém para ser seu par um companheiro um amigo um irmão complementar em cada praça e jardim em cada rua e esquina: “Eu posso ser seu amigo?”



“Não”
avisa o
Vermelho

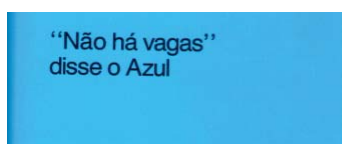


“Espera”
o Amarelo diz



“Vai emtóra”
lhe manca o
Verde

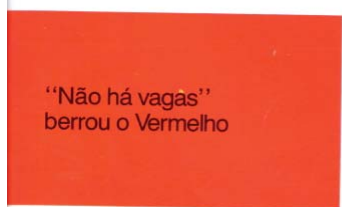
e mais uma vez sozinho o pobre Flicts se vai



“Não há vagas”
disse o Azul



“Não há vagas”
sussurrou o Branco



“Não há vagas”
berrou o Vermelho

Mas
existem mil
bandeiras
trabalho
para tanta
cor
e
o Flicts
correu
mundo
em busca
do seu
lugar

e
o Flicts
correu
mundo:

Já que não consegue arranjar amigos, que não se integra em nenhum grupo de cores, tenta a sua sorte no trabalho. “o Flicts não se emendava (emendar-se porquê?)”. Flicts tem uma atitude bastante persistente, não desistindo com facilidade. Mas porque é que ele haveria de se emendar, se ele apenas queria ter um lugar no mundo, tal como toda a gente?

Viaja pelo mundo todo à procura de uma bandeira ou faixa para trabalhar “pelos países mais bonitos, pelas terras mais distantes, pelas terras mais antigas, pelos países mais jovens”, mas em nenhuma parte do mundo encontrou o seu lugar. Não havia lugar para si em nenhuma estrela, nem faixa de nenhuma bandeira, pois “nada no mundo é Flicts ou pelo menos quer ser”. Flicts sente-se novamente triste: não serve para nada, ninguém lhe dá valor.

Ganha nova esperança quando se lembra do mar, ficando agitado, tal como o mar; mas, no mar “para o pobre do Flicts suas cores não dão lugar”. Mais uma vez, ganha forças e procura, em todas as praças, jardins, ruas e esquinas arranjar um amigo, um companheiro, um irmão (“posso ser teu amigo?”), mas todos lhe negam a amizade, e em pequenas letras que transmitem a tristeza de Flicts se pode ler “e mais uma vez sozinho o pobre Flicts se vai”.

Até que, por fim, em caracteres de grandes dimensões, ocupando as duas páginas do livro, se pode ler: “Um dia o Flicts parou (...) e parou de procurar”.



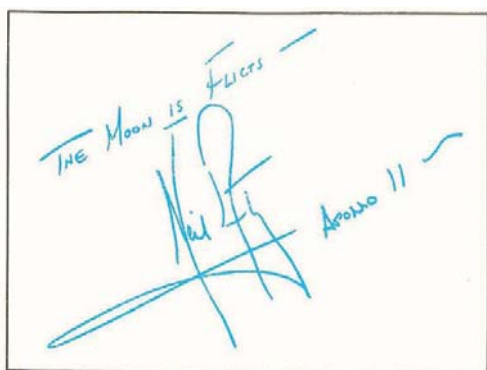
Tal como refere Cristina Vasques (2008), “A barra de cor flicts que estanca o verso parece mostrar que o próprio Flicts foi forçado a parar, por encontrar um obstáculo intransponível”. Esse obstáculo intransponível, que imediatamente associamos à constatação do sujeito da inoperância do seu esforço para ser aceite pelos outros, não o leva contudo a desistir e Flicts parte agora em busca de um outro mundo onde possa enfim encontrar-se e encontrar a sua casa.

Tal como um balão, Flicts vai “subindo subindo (...) e foi-se sumindo sumindo”, até que desapareceu, como se fosse em direção ao céu, para bem perto da lua. Surge uma página em branco, uma página que simbolicamente traduz a paz e o silêncio que Flicts encontra nesse lugar distante, nesse lugar que é capaz de ser azul nos dias claros de sol, vermelho nas tardes de Outono e amarelo nas noites de lua cheia. Como refere Adriana de Castro (2008: 84),

Flicts agora não era mais a antítese das cores, como no início da narrativa, mas sim a síntese. Reunia em si a força do vermelho, a luminosidade do amarelo e a paz do azul. Tudo unificado e integrado numa única cor: flicts.

Só na lua, e porque a lua é flicts, como só os astronautas sabem, como se pode ler intratextualmente, Flicts encontra o sentido da sua existência. Não o lugar neste mundo pequenino e medíocre em que vivemos, tal como metaforicamente é insinuado no texto e na imagem, mas num mundo despovoado, onde só aqueles que voam mais alto e que veem mais longe podem morar.

A estratégia de incluir, no final do livro, a mensagem que Neil Armstrong, precisamente o primeiro homem a pisar a lua, escreveu a Ziraldo quando este lhe contou a história do Flicts, confirma a ideia de que só os astronautas sabem a verdade, porque de facto estiveram lá.



Quando Neil Armstrong —o primeiro homem que pisou na Lua— veio ao Rio de Janeiro, contou-lhe a história de Flicts e ele me confirmou que a Lua era, realmente, FLICTS. (Ziraldo)

Desta forma poética se faz o elogio da singularidade e da diferença, numa obra em que texto e imagem se articulam e se interpenetram numa simbiose perfeita. Na realidade, o ritmo e musicalidade do texto, a riqueza discursiva e estilística que o enformam e as ilustrações abstratas (fazendo uso de formas geométricas e da abundância da cor, claramente influenciadas pelo cubismo) permitem configurar esta obra como um longo poema em prosa, uma obra revolucionária e vanguardista que, apesar de ter sido publicada em 1969, precisamente no ano em que o Homem foi à lua, continua a ser uma referência no panorama da literatura infantil universal.

Conclusão

Em síntese, estes dois magníficos livros veiculam valores sociomoraes de uma forma poética, apelando à consciência cívica da criança, sendo por isso excelentes instrumentos que, para além de suscitarem o prazer

de ler (objetivo maior da literatura), poderão igualmente ser usados em contextos educativos diferenciados pelo adulto-mediador para facilitar a reflexão sobre o respeito pela diferença, o egoísmo, a exclusão, a discriminação, a união, a solidariedade, a partilha.

A relação intersemiótica entre texto e imagem é evidente nas duas obras, mas enquanto em *A que sabe a lua?* a ilustração, figurativa e humorística, permite à criança leitora construir a sua própria narrativa visual, em *Flicts* é necessário o texto para se compreender o simbolismo da ilustração, marcada pela abstração e pelo predomínio das formas geométrica e da abundância da cor.

Nas duas histórias as personagens têm um sonho, um objetivo, mas enquanto em *A que sabe a lua?* o objetivo, comum a todos os animais, é alcançar a lua e descobrir o seu sabor, em *Flicts*, o objetivo da personagem central é encontrar o seu lugar no mundo. O objetivo é alcançado em ambas as histórias, mas houve um longo percurso a percorrer, um percurso de esforço, persistência e determinação, mas um percurso doloroso que, no caso de *Flicts*, é um igualmente sofrido e solitário.

Assim, pelas mensagens subtilmente veiculadas, mas também, e sobretudo, pela riqueza do texto e das imagens – que permitem a captação do interesse do potencial recetor infantil (e adulto) destas obras – considero que se trata de dois livros de grande qualidade estético-literária que as crianças merecem conhecer.

Bibliografia

Castro, A. (2008). *Ziraldo em diálogo com os Clássicos*. Juiz de Fora: CESJF.